

Entre o Sagrado e o Profano: A Romaria da Gruta de Terra Ronca (GO).

Magda Beatriz de Almeida Matteucci¹

Elimar Pinheiro do Nascimento²

¹mbeatriz@agro.ufg.br - Escola de Agronomia
da UFG.CP 131 – Campus II

² Sociólogo, doutor pela Universidade René Descartes, professor do Departamento de Sociologia e do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília.

SUMMARY

Between the sacred and the profane:
The “Terra Ronca” Pilgrimage Cave
(Goiás, Brazil)

This work relates how the “Terra Ronca” cave, the best known of the São Domingos (Goiás, Brazil) speleological complex, has been transformed into a pilgrimage site. This work deals also with how the transformation of this complex into a conservation unit is endangering the cultural inheritance of Bom Jesus da Lapa.

1 - O espaço do sagrado em Terra Ronca

Todos os anos nos dias 5 e 6 de agosto, na Lapa da gruta de Terra Ronca I ocorre uma expressão da fé católica, a manifestação cultural-religiosa, denominada de a Romaria do Bom Jesus da Lapa. Este acontecimento, constitui-se como maior patrimônio cultural do Parque Estadual de Terra Ronca – PETeR, uma unidade de conservação localizada no município de São Domingos, no Estado de Goiás, criada para preservar um complexo espeleológico.

A realização da romaria do Bom Jesus da Lapa em Terra Ronca, tem seu início perdido na memória dos que ainda vivem e contam sua história. Não existem escritos que relatem seu surgimento ou que façam menção sobre esse evento, exceto os livros da Igreja Católica, única fonte de informação escrita conhecida.

Os moradores do município relatam que na época do início da romaria, a comunidade de São Domingos era assistida por padres missionários que percorriam as cidades e povoados da região celebrando missas, casamentos, batizados e ouvindo confissões em uma atividade da Igreja conhecida como desobriga. Estes missionários eram conhecidos por padres viajantes e pertenciam a congregação dos padres claretianos. As primeiras celebrações em Terra Ronca foram realizadas por esses padres

viajantes e, ainda de acordo com os relatos de moradores e antigos romeiros, um padre viajante por nome Luís foi quem incentivou os fiéis a pagarem seus votos e promessas na Lapa de Terra Ronca I, ao invés de fazê-lo na Bahia, sendo também esse o motivo pelo qual a romaria é realizada nos dias 5 e 6 de agosto, período no qual se realiza a romaria em Bom Jesus da Lapa, na Bahia e que no calendário católico corresponde ao dia da transfiguração do Senhor (06 de agosto). O padre em questão chamava-se Luís Olabarrieta e foi designado para a paróquia de São Domingos no ano de 1935.

2 - Histórico

Há relatos de que a gruta serviu de refúgio para algumas famílias que fugiam da violência dos “revoltosos”, denominação que a coluna Prestes recebeu quando esteve no município de São Domingos, no ano de 1925. Na “Era de 25”, como dizem os habitantes de São Domingos ao se referirem a esse fato histórico. Por esse motivo, pode-se concluir que por esse período a gruta da Terra Ronca ainda era um local de difícil acesso e desconhecido por muitos e não um ponto de concentração de pessoas, como o seria se lá ocorressem celebrações religiosas. Também não foram encontrados relatos de celebrações no local durante esse período.

De acordo com o Livro de Tombo da Paróquia de São Domingos, aberto em sete de julho de 1928, no qual o padre José Maria Marti, nas páginas 14 e 15, relata sua desobriga do ano de 1929, o local já era de romaria mas não sistematizada. Dele foi extraído o seguinte trecho dos escritos do referido pároco:

Em Terra Ronca visitei a importante e celebre Lapa, onde entra misterioso o Rio de igual nome. Vai gente a fazer e deixar promessas ou ex-votos, principalmente ao Bom Jesus da Lapa e tem conseguido graças, como atestam os ex-votos que ali achei.¹

Fui no dia vinte e três de abril, de tarde, acompanhado dumas quinze pessoas.

Deixei um pequeno crucifixo de metal, que me ofereceram o dito crucifixo na Capital da Bahia faz anos, perante ele celebrei muitas vezes nas desobrigas.

Perante ele rezei 3 padres nossos ao Bom Jesus da Lapa e cantei um bendito com os circundantes, pedindo que anunciassem e espalhassem a voz que tinha sido por mim colocado, para que ninguém tirasse.

Perante o dito crucifixo ascendi também velas e coloquei em volta dele as promessas que achei.

Prometi, com o auxílio do divino, dar missas lá este mesmo ano.

Fiz tudo isso para não virar lugar de superstição e possa no futuro ser centro de piedade e devoção.

¹ Uma clara referência ao fato de já ser um local freqüentado com fins religiosos.

Na página 19 desse mesmo livro, o Padre José Maria relata como ocorreram as primeiras celebrações em Terra Ronca:

Nos dias vinte e seis e vinte e sete de setembro de 1929 houve missas na Lapa de Terra Ronca e terço nos dias vinte e cinco e vinte e seis.

Em frente da Lapa, foi levantado um artístico cruzeiro com as datas do dia da colocação da imagem do Senhor Bom Jesus na Lapa, do dia da primeira missa nela celebrada e do dia do erguimento do cruzeiro; fazendo a benção o Padre Benedicto.

Houve muita afluência de povo, eu não pude ir por causa de moléstia na véspera da viagem.

(...)O Reverendíssimo Vigário da Posse salvou a situação. A romaria pegou graças ao Bom Jesus.

O local dessas primeiras celebrações é uma várzea, um tipo de vegetação que recebe a denominação local de vargem, localizada a aproximadamente 500 m a frente da boca da caverna. Ao pé do cruzeiro eram então realizadas as missas, sendo celebradas pelos padres viajantes em desobrigas. No local ainda hoje são encontrados partes desse cruzeiro e dois túmulos onde foram sepultados duas crianças, irmãs, como era costume na região. Os túmulos erguidos pela mãe das crianças, próximos do cruzeiro, facilitam a identificação do local, já que do cruzeiro só resta parte do pedestal.

Outro marco identificador utilizado para se encontrar o local da primeira celebração do Bom Jesus da Lapa em Terra Ronca é um agrupamento de jatobás que se destaca na várzea e se interpõe entre o que resta do cruzeiro e a boca da caverna.

Relatam os antigos romeiros que o acesso à gruta era impedido por uma mata densa, com muitos cipós, além do que para se chegar à gruta era preciso não só atravessar a várzea e a mata mas também o Rio Lapa, já que não existiam as pontes, hoje presentes.

Após a primeira celebração, o padre Leopoldo Ripa passou a visitar sistematicamente a Lapa da Terra Ronca e a partir de 1941 o padre José de Oliveira passa a marcar pouso naquele local.

Em um livro de casamentos e batizados da Paróquia de São Domingos de Gusmão, Diocese Imaculado Coração, do município de Formosa em Goiás, foram encontrados as seguintes anotações de celebrações em Terra Ronca: no dia 23 de abril de 1929, 21 batizados e 03 casamentos; em 18 de agosto de 1929, 01 batizado e vários casamentos; no dia 19 de agosto de 1929, 15 batizados e vários casamentos e em 26 de setembro de 1929, vários batizados e casamentos, sendo essas as informações possíveis de se obter sobre as primeiras celebrações na Lapa da Terra Ronca.

3 - As primeiras romarias

Pelos relatos colhidos, a romaria foi iniciada pelo padre José de Oliveira, no ano de 1948. (Tombo, pag. 91) A princípio era um acontecimento apenas religioso, restrito a gruta, considerada um local sagrado, de veneração.

À página 91 do Livro de Tombo encontra-se um Resumo Ministerial de 1948 que diz: *Iniciou a Romaria da Lapa de Terra Ronca. O povo tem devoção ao Bom Jesus. Se os vigários futuros a cultivarem terá movimento avassalador.*

A majestade da abertura da gruta, a mistura entre a vegetação e as pedras, a sensação de amplitude, tudo colaborava e colabora para tornar místico o local. O rio ladeado por uma mata, penetrando gruta a dentro, sob a cúpula formada pela projeção da boca da caverna em sua forma de ogiva, transmite uma sensação de plenitude, manifestada por muitos dos romeiros.

O movimento crescia, *a cada ano tinha mais gente no interior, notando-se grande devoção e confiança do povo no Bom Jesus* (Tombo, pag. 91).

Com o passar das anos começaram a aparecer os comerciantes e, conseqüentemente, as manifestações festivas. A festa pagã, que se realizava do lado de fora, caracterizava-se por um intenso comércio de comidas, bebidas, roupas, calçados e os mais diferentes produtos. Era a oportunidade das pessoas da região adquirirem mercadorias apenas disponíveis nas cidades, que se faziam distantes para serem alcançadas em lombo de cavalos ou carros de boi em estradas cavaleiras.

O transporte dos produtos era feito em carros de bois e os pastos das redondezas ficavam ocupados pelas montarias dos romeiros. Tanto no aspecto da peregrinação religiosa quanto pelo caráter pagão de diversão e comércio, a cada ano ocorria o aumento do número de romeiros. Mas, sob o ponto de vista religioso esse crescimento não era bem recebido pela igreja, pois, a página 101 encontra-se a seguinte observação feita pelo pároco do município:

O senso espiritual que deveria cunhar uma Romaria religiosa fica muito aquém da realidade. O número de confissões e comunhões: deficientíssimo. O diabólico meretrício tem sua nesgazinha. Os bailes desrespeitam a solenidade. A franquia em venda de bebidas alcólatras, tem acarretado não poucas conseqüências desagradáveis, deixando cair tonalidades a fortes comentários desairosos, a tais iniciativas católicas.

O movimento de pessoas era considerável, em 1958 foram contabilizadas 3.500 de acordo com as anotações do padre Geraldo Ferracioli, pároco de São Domingos.²

Os romeiros eram oriundos dos mais diferentes lugares mas, principalmente, da região de São Domingos e municípios próximos: *Em sua totalidade absoluta goianos de vários municípios. Cumprir votos, já aportaram alguns baianos e mineiros.*

Esse mesmo padre, em um outro trecho, faz referência à magnitude da caverna, quando afirma que a Lapa da Terra Ronca *pode agasalhar, em seu corpo, uma boiada de mais de duas mil cabeças.*

Os romeiros vinham para permanecer por vários dias. Acampavam próximo a gruta ou nos quintais das fazendas próximas.

De acordo com o depoimento de Maria Aparecida dos Santos (35 anos), o pagamento das

² Página 101 do livro de Tombo.

promessas era acompanhado por queima de fogos de artifícios. Os romeiros soltavam foguetes, tanto no interior quanto no exterior da caverna, e a queima de fogos provocou a completa destruição das estalactites que adornavam o salão que abriga a romaria.

4 - A construção do altar

Como conseqüência da romaria não foram realizadas quaisquer outras alterações no interior da gruta, além da construção do altar onde eram e são celebradas as missas, casamentos e batizados.

Segundo relatos de D. Isabel Maria Barbosa dos Santos (80 anos), proprietária, moradora da Fazenda Lapa, em cujas terras se localiza a Lapa de Terra Ronca I e viúva do senhor Antônio Hilário dos Santos, conhecido como Antoninho da Lapa, foi seu esposo quem construiu o altar junto com o viajante Pe. Jesus que veio de Formosa. Ele, Seu Antoninho e seus filhos carregaram pedras para erigirem o altar, inclusive pequenos seixos para dar acabamento e ornamentá-lo.

Ainda de acordo com depoimentos de D. Isabel, antes da construção do altar já eram celebradas missas e casamentos e, diz ela, que quando menina, morando em São Desidério, na Bahia, ela ouvia as pessoas falarem e saírem em rumo a Terra Ronca para pagarem promessas. Dona Isabel nasceu em 1920 e mora em Terra Ronca na fazenda Lapa desde 1936.

Os relatos dessa senhora condizem com as anotações do livro de Tombo, página 101, onde está anotado que em 1953 o altar foi construído pelo padre Jesus Osés contando com o auxílio de seis operários.

O altar é o único sinal da realização da romaria. Ele, hoje como no passado, mantém a simplicidade de sua origem, com as imagem que o ornamenta acompanhando esta simplicidade. Sobre ele são depositados votos, fotografias e acesas velas.

Como no passado, as celebrações são realizadas com a maioria dos fiéis romeiros de pé, em um semi-círculo de frente para o altar. Os demais se espalham por sobre as inúmeras pedras que circundam o altar ou que se espalham no interior da gruta ou participam das celebrações por sobre a ponte do Rio Lapa, no interior da gruta.

Uma reentrância natural da caverna, localizada na lateral direita do altar, apesar de ser de pequena dimensão funcionou como sacristia durante o período inicial da romaria. Na atualidade encontra-se parcialmente desativada, sendo denominada de Salão dos Milagres e é onde estão depositados alguns dos votos dos romeiros.

Um sino trazido de São Paulo e inaugurado em 1952 pelo Padre Geraldo Feracioli desapareceu.

Lapa é o lugar do nascimento do Cristo, no entanto, no altar de Terra Ronca está o Cristo Crucificado, o Bom Jesus da Lapa.

5 - A romaria nos dias atuais

Com o passar dos anos a romaria tornou-se tradição entre os dominicanos e moradores dos municípios próximos. Milhares de pessoas, por

ocasião do festejo, se deslocavam até a gruta para cumprirem a tradição, pagarem votos, casarem, batizarem seus filhos ou a si próprio e, de uma maneira ou de outra, participar daquilo que se transformou na maior manifestação popular da região, a Romaria do Bom Jesus da Lapa, ou mesmo apenas para se divertir, participando da festa pagã ou ainda, apenas para fazer suas compras nos mascates.

Porém, a romaria encontra-se ameaçada por dois fenômenos próprios à modernidade.

A construção da rodovia GO-108, em substituição da estrada cavaleira e a criação do Parque Estadual de Terra Ronca são instrumentos de mudança da forma dessa manifestação popular de fé. A cada ano que passa o número de romeiros torna-se menor, fato que pode, entre outros, ser, sobretudo, creditado a estes dois fatores.

A facilidade de acesso reduz o número daqueles que acampam próximo à gruta. Como a maioria deles são provenientes de São Domingos, ou de municípios vizinhos, com a estrada, mesmo não sendo pavimentada, é possível rápidos deslocamentos. Assim, os romeiros passam a se dirigir a caverna apenas nos dois dias das celebrações ou até mesmo tão somente no dia da romaria, 06 de agosto. A rodovia e os meios de transporte agilizam o deslocamento, permitindo, inclusive, que a pessoa vá, retorne para pernoitar, voltando no dia seguinte.

Outro aspecto a ser considerado, relacionado a redução do número de pessoas na romaria, é que a construção da estrada GO-108, também facilitou o acesso ao comércio das cidades para aqueles que residiam nas zonas rurais e que deixavam para adquirir o que necessitavam durante a realização da romaria, comprando dos mascates que montavam e ainda montam barracas próximas a abertura da gruta. Essa necessidade tornou-se menor com a rodovia porque, junto com ela, veio o transporte intermunicipal e uma maior facilidade de deslocamento para essas pessoas. Uma linha diária passou a ligar todos os moradores das redondezas com a sede do município e com municípios vizinhos, onde podem se abastecer do que necessitam como roupas, calçados, utensílios domésticos, entre outros produtos.

A criação do parque, no entanto, pode ser o fator que mais contribuiu para a redução do número de romeiros.

Quando Furnas enviou o montante de recursos referente a compensação ambiental pela construção da usina hidrelétrica de Serra da Mesa, da linha de transmissão Serra da Mesa-Samambaia II e da interligação Norte-Sul, parte das verbas oriundas do ajuste destes três convênios foram alocadas para a implantação do PETeR. Foi feito um contrato com uma organização não governamental de Brasília, a Gea – Brasil, para a elaboração do plano de manejo do parque.

Demonstrando desconhecimento do que seja o patrimônio cultural de uma unidade de conservação, desconhecendo princípios e objetivos da educação ambiental, como também que não só exemplares da fauna e flora se extinguem mas também elementos da cultura, os membros dessa organização, com a aquiescência do órgão ambiental responsável pelo parque, promoveram, em nome do princípio de áreas protegidas com a exclusão do homem - o mito da natureza intocada - um verdadeiro ataque a esta manifestação cultural.

Estabeleceram um rol de proibições relacionadas a maneira como o povo manifestava sua fé, que por

medo à repressão imposta por esta organização, com o aval do órgão ambiental, os romeiros deixaram de comparecer. De acordo com relato de muitos deles, a tal ponto chegou a pressão contrária que muitos romeiros interpretaram e propalaram, que estava proibida a realização da romaria. Esse equívoco reduziu em muito o número de participantes.

Mesmo considerando a pressão exercida por milhares de romeiros transitando no interior da gruta, é fácil perceber que as alterações do patrimônio natural foram ocasionadas pelos foguetes soltados como parte da tradição. Dessa maneira, para a preservação do patrimônio natural, era suficiente a proibição de foguetes e o ordenamento do comércio da festa profana.

Assim, dois distintos fenômenos da modernidade. Distintos e opostos. Um, em sua face reconhecidamente perversa pelos ambientalistas - as estradas e o outro, em sua face propalada como positiva, a preservação ambiental, se somam para expulsar do horizonte cultural dos habitantes da região uma de suas mais longas tradições. Componente essencial à sua história e intrínseco à sua identidade.

Fontes e Bibliografia

BOM JESUS DA LAPA. Salvador: Redentorista, 2000. 42 p.

DIEGUES, A. C. S. Populações tradicionais em unidades de conservação: O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Cebimar/Nupaub. 1993.

LIMA, N.C de. Narrativas orais e alegorias: uma poética da vida social. Brasília, 1999. 205 p. Tese de Doutorado em antropologia.

Manuscritos

Livro de Tombo da Paróquia de São Domingos, 1928.

Livro de casamentos e batizados da Paróquia de São Domingos, 1928.

Depoimentos

Sr. Herculano Antônio de Lima (80 anos), pessoa que, junto com outros membros da igreja, carregou o cruzeiro e paramentos para a primeira missa na Lapa da gruta de Terra Ronca em 1948.

Sr. Biá (80 anos), residente no povoado de São João Evangelista, contíguo ao PETeR.

D. Isabel Maria Barbosa dos Santos (80 anos), proprietária e moradora da Fazenda Lapa.

D. Maria Aparecida dos Santos (35 anos), moradora de Terra Ronca.